

---

## REVENDO A CONJUNTURA 1933-1935 EM PORTO ALEGRE ATRAVÉS DA VIDA DE POLICARPO HIBERNON MACHADO

### REVIEWING THE CONJUNCTURE 1933-1935 IN PORTO ALEGRE THROUGH POLICARPO HIBERNON MACHADO'S LIFE

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/2178-3748.2016.2.21330>

Guilherme Machado Nunes  
Mestre em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor da rede  
municipal de Esteio-RS  
[guilherme.mnunes@gmail.com](mailto:guilherme.mnunes@gmail.com)

**RESUMO:** A partir da vida desse barbeiro e jornalista gaúcho, esse artigo pretende discutir alguns limites e possibilidades de militância política e sindical de um membro do PCB no Rio Grande do Sul, especialmente durante o processo de refundação da Federação Operária do Rio Grande do Sul e durante sua nova fase (1933-1935). No Rio Grande do Sul, o imediato pós-30 foi um período de certo arrefecimento das lutas operárias. Foi apenas no final de 1933 que a capital gaúcha presenciou uma grande greve – de padeiros, exigindo o cumprimento de um Decreto do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, que regulamentava seu ofício. Policarpo Hibernon Machado era Secretário-Geral da FORGS, que, até então, pregava um discurso de conciliação e de colaboração com o Estado. A partir desse caso, podemos perceber que, ao mesmo tempo que a Federação radicalizava suas ações e seus discursos, o Estado respondia com um aumento das atividades repressivas, apesar de garantir que a questão social não era mais caso de polícia. Dessa forma, se tentará compreender como um trabalhador comunista conseguiu fazer a transição de uma entidade “colaborativa” para uma entidade “radical” e como os comunistas se apropriaram da legislação trabalhista de Vargas para tentar influenciar o movimento sindical.

**PALAVRAS-CHAVE:** Policarpo Hibernon Machado. biografia. FORGS.

**ABSTRACT:** From the life of that barber and journalist born in Rio Grande do Sul, this paper discusses the limits and possibilities of a trade union and political militancy of a PCB member in Rio Grande do Sul, especially during the rebuilding process of the Workers Federation of Rio Grande do Sul and during its new phase (1933-1935). In Rio Grande do Sul, the immediate post-30 was a period of a certain cooling of workers' struggles. It was only in late 1933 that the state capital witnessed a big strike – bakers, requiring compliance with a decree of the Ministry of Labor, Industry and Commerce, which regulated their craft. Policarpo Hibernon Machado was General Secretary of FORGS, which until then preached a conciliation discourse and collaboration with the state. From this case, we can see that, while the Federation radicalized his actions and his speeches, the State responded with an increase in repressive activities despite ensure that the social question was not a police matter any more. Thus, we'll try to understand how a communist worker was able to make the transition from a "collaborative" entity to a "radical" one and how the Communists appropriated the Vargas' labour legislation to try to influence the trade union movement.

**KEY WORDS:** Policarpo Hibernon Machado. Biography. FORGS.

#### Considerações Iniciais

Porto Alegre, 21 de julho de 1934. O jornal *A Voz do Trabalhador*, semanário oficial da Federação Operária do Rio Grande do Sul, traz em suas páginas o registro da primeira vez em que a militância do barbeiro Policarpo Hibernon Machado acarretou em prisão (*A Voz do Trabalhador*, 21/07/1934, p. 1). Durante o ocorrido, é possível que passasse um filme em sua cabeça: há alguns meses, nas páginas daquele mesmo jornal – do qual ele próprio era o redator responsável – defendia com todas as letras, na condição de Secretário-Geral e posteriormente Presidente da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), a colaboração da classe trabalhadora com o Ministério do Trabalho Indústria e Comércio (MTIC), acreditando, ao menos retoricamente, na justiça e nas leis que a entidade promulgava. Depois da greve e do *caso padeiral*,<sup>1</sup> que teve início em outubro de 1933, e do rompimento da Federação Operária com o Inspetor Regional do Trabalho, Ernani de Oliveira, a relação se estremeceu e a real intenção do MTIC de colocar em prática a sua própria legislação foi posta em cheque. Ao assumirem uma posição crítica em relação ao ministério e ao Ministro Salgado Filho, Policarpo e seus colegas perceberam, diante da repressão que os acometeu, que a questão social ainda poderia ser caso de polícia (afinal de contas o próprio Salgado Filho era Delegado). Depois de convocar um grande congresso operário em maio de 1934 e de institucionalizar a radicalização da entidade, Policarpo Hibernon Machado entrava no radar da polícia para não mais sair até a sua morte, em 1952.<sup>2</sup>

Ao estudar-se a vida desse barbeiro, jornalista, líder sindical e comunista, pretende-se compreender a trajetória de parte do movimento operário organizado nesse período, suas diferentes possibilidades de atuação e também as disputas, alianças e conflitos dentro do movimento, que teve na prisão de um dos seus mais influentes líderes um importante ponto de inflexão. Segundo Giovanni Levi, o bom estudo biográfico

Trata-se antes de tudo de um problema de escala e de ponto de vista: se o acento recai sobre o destino de uma personagem — e não sobre o conjunto de uma situação social — a fim de interpretar a rede de relações e obrigações exteriores nas quais ele se insere, é bastante possível conceber de modo diferente a questão do funcionamento efetivo das normas sociais (LEVI, 1997, p. 7).

---

<sup>1</sup> Greve de padeiros ocorrida em Porto Alegre que será tratada no item 3.

<sup>2</sup> O Serviço de Informações do DOPS mencionou seu falecimento no Boletim nº 7: “O ano de 1952 tem um tanto de ázigo para as hostes comunistas, que ficaram desfalcadas de três 'quadros' com o falecimento dos dirigentes POLICARPO HIBERNON MACHADO, PEDRO SCHMIDT FILHO e OTÁVIO GOMES DA SILVA.” NPH. Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19 [F], caixa 612, CD 8. Porto Alegre, 10 de maio de 1952.

Dessa forma, pretende-se aqui lançar uma nova perspectiva sobre o período de refundação da FORGS (fevereiro de 1933) até o momento de radicalização da entidade, que culminou com uma série de greves em janeiro de 1935. Para isso, em um primeiro momento será feita uma breve justificativa de porquê se estudar não só *uma* vida, mas *essa* vida; em seguida será feita uma reconstituição do período de refundação da FORGS e do momento em que Hibernon ingressa na direção da entidade; posteriormente, *A Voz do Trabalhador*, ganhará um subitem à parte – jornal do qual foi redator responsável em todas as edições, o periódico se constituiu em um local de observação privilegiado de suas ideias; por fim, sua radicalização e a radicalização da FORGS serão analisadas e até certo ponto confundidas.

### **Por que estudar a vida de Policarpo Hibernon Machado?**

Em maio de 1934, como veremos adiante, um Congresso Operário foi convocado em Porto Alegre a fim de eleger uma nova diretoria para a FORGS e marcar um rompimento com a postura então vigente na Federação. Os nomes da velha e da nova gestão, porém, são quase idênticos. Em ambas as diretorias Policarpo Hibernon Machado exerceu altos cargos (em 1933 foi Secretário-Geral e em seguida Presidente; em 1934 foi presidente, além de redator de *A Voz do Trabalhador* durante os dois anos de circulação do jornal, entre 1933 e 1934). Surge, assim, uma questão: como um trabalhador comunista conseguiu fazer a transição, em poucos meses, de uma entidade “colaborativa” para uma entidade “radical”?

Estudar a vida desse barbeiro, nascido em 1897, torna-se, pois, muito interessante. Estudar uma vida, por si só, é uma possibilidade teórico-metodológica bastante rica. Sabina Loriga nos mostra que, ao contrário da ilusão biográfica de Bourdieu, é possível “utilizar o eu para romper o excesso de coerência do discurso histórico, ou seja, para se interrogar não apenas sobre o que foi, sobre o que aconteceu, mas também sobre as incertezas do passado e as possibilidades perdidas” (LORIGA, 1998, p. 246-247). Nesse caso, a vida de Hibernon nos ajuda a evitar uma simplificação grosseira: a FORGS, até a greve dos padeiros, era “pelega”<sup>3</sup> e apática; depois da greve, tornou-se combativa.

Nesse sentido, Giovanni Levi defende o uso da biografia como uma forma de descrever “incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que

---

<sup>3</sup> Sempre alinhada com os interesses do patrão.

autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas” - algo visível no trato do MTIC com a FORGS, como será abordado adiante. Assim, para o historiador italiano,

se evita a abordagem da realidade histórica a partir de um esquema único de ações e reações e se mostra, ao contrário, que a desigual repartição do poder, por maior ou mais coercitivo que seja, não deixa de oferecer certa margem de manobra aos dominados, sendo que estes últimos podem, a partir disto, impor aos dominantes mudanças não negligenciáveis (LEVI, 1996, p. 7).

Ou seja, a vida de Hibernon nos mostra como um militante comunista, por mais cercado pela repressão ou limitado por outras condições (influência sindical, condições materiais para exercer sua militância, etc.), poderia contornar obstáculos e encontrar, de formas diversas, maneiras de interferir na realidade. Um exemplo disso é como ele jogava bastante com o rótulo de “extremista”, que lhe era constantemente atribuído: ora o repudiava, ora vinculava-o à luta por direitos e melhores condições de vida.

Sobre esse lado “extremista” e a sua filiação ao PCB, não foi possível precisar a data e nem as circunstâncias do ocorrido, mas é possível fazer algumas especulações partindo de seu ofício: barbeiro. Machado não é o primeiro barbeiro a se tornar um militante comunista em Porto Alegre. Aliás, a tradição vem de longa data: Abílio de Nequete, primeiro Secretário-Geral do Partido Comunista do Brasil, em 1922, também exercia a mesma profissão. Frederico Bartz atribui importância ao fato de, no começo do século XX, o referido barbeiro ter se mudado para Porto Alegre e aberto o seu salão em pleno Quarto Distrito, bairro operário de Porto Alegre (BARTZ, 2008). A barbearia de Machado era no Centro na cidade, mas tanto Nequete quanto Machado atendiam as classes populares, conversavam, trocavam ideias. É possível que esses momentos tenham influenciado suas trajetórias. Aliás, o setor de serviços parece ser um bom “fornecedor” de lideranças devido ao constante trato com o público. Não parece ser coincidência que Otávio Brandão fosse farmacêutico em Alagoas e Avelino Fóscolo fosse farmacêutico em Minas Gerais (Cf. AMARAL, 2007; DUARTE, 1991).

Podemos especular também uma data para a sua filiação ao PCB ou, ao menos, o momento em que entrou em contato com tais ideias: 1925. Nesse ano, ao lado de outro barbeiro comunista, Germiniano Candiota Xavier, Policarpo Hibernon Machado fundava a União Beneficente dos Barbeiros em Porto Alegre (MARÇAL; MARTINS, 2008, p. 74). Esse outro barbeiro, aliás, nascido em Pelotas, era muito amigo de Hibernon: os dois aparecem em

muitas fotos lado a lado em diversos eventos.<sup>4</sup> Em 1928, auge do Bloco Operário e Camponês (legenda eleitoral do PCB), encontramos Hibernon se qualificando como votante em Porto Alegre (*A Federação*, 26/07/1928, p. 12).

É importante, ainda, perceber que o estudo que se foca em uma vida não nos permite apenas inferir esses aspectos microanalíticos, como atitudes individuais, estratégias e experiências, mas nos permite, ainda, parafraseado Revel, perceber como fenômenos macro se deram a partir desses atores sociais<sup>5</sup> – no caso o processo de implementação da legislação trabalhista no primeiro Governo Vargas. Tema de longos debates historiográficos, a judicialização das relações de trabalhos dá margem para diversos tipos de interpretação – inclusive pelos próprios atores da época: de maneira geral, os grupos anarquistas encaravam os benefícios como tentativas da burguesia de dissuadir os trabalhadores das suas lutas; muitos socialistas dos anos 1910 e 1920 aderiram ao projeto varguista e enxergavam no Estado um órgão importante de regulamentação das relações laborais; os comunistas, por fim, tinham posições que variavam de acordo com a linha da Internacional Comunista, mas durante muito tempo, reivindicaram o cumprimento integral da legislação social e a enalteciam como conquista da classe trabalhadora, sobretudo por meio do Bloco Operário e Camponês (Cf. KAREPOVS, 2006; BARROS, 2007; OLIVEIRA, 2009). Mas até que ponto o uso dessas leis pode ser considerado como uma “domesticação” dos trabalhadores por parte do Estado e até que ponto se pode falar em *agência* desses trabalhadores, que aprenderam a utilizar desse novo artifício em seu favor? Essa não é a discussão central aqui, mas como disse Levi, “histórias pessoais são a forma concreta de medir o peso e a amplitude dos espaços que se abrem entre as regras” (LEVI, 2003, p. 288), e a partir da vida de Policarpo Hibernon Machado, espera-se, o tema será tangenciado e ganhará novo fôlego.

Dessa forma, a seguir será feita uma síntese da refundação da FORGS e do momento em que Hibernon desponta como liderança em Porto Alegre.

### **A FORGS e o começo dos anos 1930**

A FORGS foi refundada em fevereiro de 1933 em um congresso cercado de polêmicas. Com a presença e falas do Inspetor Regional do Trabalho, Ernani de Oliveira, e do agente fiscal do imposto de consumo, Ataliba Sabrosa de Rezende, o referido congresso

---

<sup>4</sup> Cf. *Ibidem*, p. 79, 86 e 143. Acredita-se, a partir disso, que Policarpo Hibernon Machado também nasceu em Pelotas, ou ao menos passou sua juventude lá.

<sup>5</sup> No original o autor fala de como perceber a implementação do Estado. Cf. REVEL, 2010, p. 442.

pretendia refundar a Federação Operária e criar a Ação Trabalhista, seu braço político. Os conflitos internos impediram a realização do segundo objetivo, mas a FORGS ganhou vida e foi eleita uma direção que já contava com membros que se fariam presente ao longo de toda essa nova fase – como por exemplo o padeiro Leopoldo Machado (PETERSEN; LUCAS, 1992, p. 345). O primeiro semestre de existência foi um período de muitos conflitos internos, e em julho daquele ano uma confusão acarretou na demissão do presidente, o carpinteiro Francisco Duarte.<sup>6</sup> Imediatamente assumia uma nova diretoria, que tinha como Secretário-Geral o barbeiro Policarpo Hibernon Machado.

O “sumiço” de Hibernon durante a refundação se deve ao fato de que, muito provavelmente, o barbeiro não estivesse em Porto Alegre no período. No dia 27 de novembro de 1931, Hibernon Machado discursava durante a eleição do conselho deliberativo e aniversário do Hospital Asilo dos Barbeiros e Cabeleireiros do Rio de Janeiro (Cf. *Diário da Noite*, 05/12/1931, p. 5). Não se sabe se ele estava apenas visitando ou se de fato morou na capital federal, mas depois disso só encontramos novo registro do barbeiro em Porto Alegre quando este fez uma nova inscrição eleitoral, no final de fevereiro de 1933 (*A Federação*, 21/02/1933, p. 7) – e o congresso que refundou a entidade teve início no dia 2 de fevereiro.

No dia primeiro de agosto de 1933, já com Hibernon Machado em suas fileiras, a FORGS lançava um manifesto ao proletariado Rio-grandense, em que afirmava que estavam “banidos do seio das classes laboriosas os elementos indesejáveis e estranhos a ela” (PETERSEN; LUCAS, 1992, p. 359). Em que pese o começo forte e as acusações à diretoria anterior, o princípio da conciliação e colaboração com o MTIC seguia intacto:

A classe proletária uma vez integralmente arregimentada e unida no seio das suas organizações sindicais, e estas filiadas à Federação, estarão isentas de mediadores improvisados entre o capital e o trabalho, ou melhormente, dos aproveitadores oportunistas, porque a entidade máxima dos trabalhadores rio-grandenses entender-se-á diretamente com as autoridades do Ministério do Trabalho, e estas com os legítimos representantes dos trabalhadores, resultando daí maior soma de benefícios ao proletariado em geral (PETERSEN; LUCAS, 1992, p. 360).<sup>7</sup>

Assinava o manifesto, entre outros, Policarpo Hibernon Machado. Sua ascensão foi rápida. Logo que assumiu como Secretário-Geral escreveu esse manifesto e pouco tempo

---

<sup>6</sup> “No Rio Grande do Sul, 18 delegados-eleitores foram referendados pelo MTIC e puderam, em 20 de julho de 1933, participar da eleição dos 18 deputados classistas representantes dos empregados.” Por algum motivo que não está claro, Francisco Duarte não estava nessa lista. Ele foi acusado de falso representante pelo seu próprio sindicato e acabou demitido do cargo de presidente da FORGS. Cf. BARETO, Op. cit., p. 146.

<sup>7</sup> Escolheu-se atualizar a grafia de todas as citações.

depois se reunia com autoridades gaúchas. No dia 28 de agosto, ao lado de dois outros membros da diretoria (Roman Martirena e Carlos Glasgner), o barbeiro se reunia com o Interventor do Rio Grande do Sul, General Flores da Cunha, para solicitar o amparo do governo às causas proletárias (*A Federação*, 29/08/1933, p. 3). No memorando que a FORGS entregava ao Interventor, eram pedidas a criação de duas escolas nos bairros São João e Navegantes, pontos de profilaxia contra a sífilis nos mesmos bairros e aumento dos impostos sobre a bebida como forma de combater o alcoolismo.

Na noite de 19 de setembro as relações entre FORGS e Estado seguiam ótimas: um jantar era realizado para angariar fundos para a Federação Operária. Entre os doadores, dois nomes chamam a atenção: o do próprio Flores da Cunha e o do eminente industrial porto-alegrense Aníbal di Primio Beck, membro da diretoria do Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul (*A Voz do Trabalhador*, 14/10/1933, p. 2).

Em outubro, Hibernon Machado dava início a uma nova empreitada: como forma de intelectualizar o proletariado, de divulgar leis e incentivar a sindicalização e a filiação à Federação Operária, era lançado em Porto Alegre o jornal *A Voz do Trabalhador*, órgão oficial da FORGS. O jornal teve 58 números, circulando entre 14 de outubro de 1933 e primeiro de dezembro de 1934 – números bastante expressivos para um jornal operário que vivia apenas das doações dos filiados à Federação. Durante todo o tempo, Policarpo Hibernon Machado foi o seu redator-chefe, e através de suas páginas podemos reconstituir boa parte da trajetória do barbeiro e da própria escalada de radicalização da FORGS – aliás, como veremos adiante, essas trajetórias se confundem. Recolocando os atores sociais no coração dos processos sociais, como defende Revel, tentaremos compreender a maneira pela qual eles – no caso Policarpo – “intervêm na produção desses processos” (REVEL, 2010, p. 442).

### **“A Voz do Trabalhador”**

Logo em seu discurso inaugural, o jornal fundado por Policarpo Hibernon Machado dizia a que veio: se reivindicava combativo, mas alertava que “não é este um jornal de combate no sentido da destruição, e sim de combate dentro da ordem e do direito.” (*A Voz do Trabalhador*, 14/10/1933, p. 1). As páginas 1 e 2 dessa mesma edição são bastante ilustrativas desse momento. O jornal incentivava a sindicalização oficial como a melhor forma de usufruir das leis que começavam a entrar em vigor.

Porém, apenas duas semanas depois de inaugurado o jornal, a sua terceira edição relatava um incidente desagradável. Em reunião na Inspetoria Regional do Trabalho entre o Sindicato dos Operários em Panificação e os Industriais panificadores, o Inspetor Regional do MTIC, Ernani de Oliveira “cassou a palavra do representante da Federação Operária [Policarpo Hibernon Machado] quando defendia com argumentação sólida, os interesses daquela classe”. E mais: o Inspetor alegou “que a entidade máxima dos trabalhadores rio-grandenses não representava as classes laboriosas, visto não estar oficialmente reconhecida pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.” (*A Voz do Trabalhador*, 28/10/1933, p. 1).

Era o começo do *caso padeiral*. Existem muitos trabalhos sobre o episódio (Cf. FORTES, 2004; BARRETO, 1996), então faremos apenas uma apresentação geral: os padeiros exigiam o cumprimento do Decreto 23.104, que regulava a jornada de trabalho (que incluía, entre outros itens, a jornada de 8 horas diárias e o repouso dominical), e os patrões se recusavam a cumpri-lo.

Como reação imediata à desavença, Policarpo passou a defender o rompimento com o inspetor através das páginas de seu jornal. Tão logo iniciou a “campanha”, muitos relatos acerca da “atuação patronal” do Inspetor começaram a surgir, tanto na capital quanto no interior. A defesa da colaboração com o ministério e a defesa da legislação social, contudo, seguiram por um bom tempo inalteradas. A questão era a atuação do inspetor: de acordo com a FORGS, de 108 reclamações que haviam chegado até ele, em absolutamente todas o patronato saiu vitorioso (Cf. *A Voz do Trabalhador*, 28/10/1933, p. 1), desequilibrando o suposto caráter “neutro” do direito.

No dia 4 de novembro daquele ano, Hibernon Machado passou a exercer as funções de Secretário-Geral e de Presidente interino da FORGS após a renúncia de Roman Martirena (*A Voz do Trabalhador*, 4/11/1933, p. 2). Quanto mais poderoso se tornava, mais Hibernon era acusado de “líder extremista” pela burguesia industrial gaúcha. Parece óbvio que, na tentativa de desqualificá-lo diante do MTIC, os industriais também tentavam desqualificar a própria FORGS através de seu líder. A entidade estava cada vez maior e reivindicando cada vez mais o cumprimento da legislação do próprio MTIC. A tentativa parece ainda mais “justificada” quando percebemos que Hibernon seguiu travando diálogos com o Ministério e seguia se utilizando de discursos conciliatórios. Uma de suas primeiras atitudes como Secretário-Geral e Presidente da Federação Operária foi enviar um telegrama ao MTIC, acusando Ernani de Oliveira como um “estorvo [na] harmonia e tranquilidade das classes sociais” (*A Voz do Trabalhador*, 4/11/1933, p. 1).

Depois de muitas tentativas de negociação, os padeiros da capital entraram em greve no dia 15 de dezembro. Foi a primeira greve da capital gaúcha após 1930 (FORTES, 2004, p. 303), e a paciência e a crença no MTIC parecia se esgotar: “O proletariado do Rio Grande do Sul está se convencendo, aos poucos, de que foi, efetivamente, iludido pela legislação social vigente.” (*A Voz do Trabalhador*, 16/12/1933, p. 1). A edição do jornal da semana seguinte é quase um marco de ruptura e de radicalização da entidade. A matéria de capa defende abertamente, pela primeira vez, a sindicalização livre ao invés da sindicalização oficial e faz duras críticas ao MTIC:

o operariado rio-grandense [...] cansou de esperar pelos benefícios da legislação social, dando margem a uma desilusão, tal a ineficácia do ministério do trabalho, ou melhor, a atuação reacionária e francamente patronal dos seus funcionários, especialmente os inspetores regionais de determinados Estados, além das leis elaboradas no último período da República, dotadas de tamanha elasticidade que, efetivamente, privava o trabalhador do mínimo direito a que faz juz, obrigando-o a uma série de deveres verdadeiramente absurdos, tolhendo-lhe por completo a liberdade de pensar e a liberdade de agir.

*Contudo, o proletariado serviu-se da experiência, organizando-se em sindicatos de classe, de acordo com o tal decreto 19770 [...].*

De que nos valeu a legislação social?

Unicamente para nos arremetarmos e nos unirmos, aproveitando o que preceitua o artigo 1º do decreto 19770, por isso que das demais leis ainda não sentimos seus “benefícios” feitos...

Como exemplo, é desnecessário apresentar o caso padeiral, com o qual caiu por terra a legislação social brasileira (*A Voz do Trabalhador*, 23/12/1933, p. 1). [grifo meu]

Em janeiro de 1934, contudo, duas atitudes de Policarpo Hibernon Machado evidenciam que a radicalização e a ruptura não foram automáticas. Na edição do dia 6, Hibernon, que já não mais exercia a presidência interina da entidade, que ficou a cargo do *padeiro* Leopoldo Machado, comemorava a aprovação do estatuto da FORGS pelo MTIC: “Hoje não mais poderão nos caçar a palavra sob a alegação graciosa de que não representamos os trabalhadores pelo fato de não sermos oficializados.” E afirmava, ainda, que “Vencerão o Direito, a Razão e a Justiça” (*A Voz do Trabalhador*, 6/01/1934, p. 1).

Uma semana depois, porém, os 350 padeiros grevistas foram demitidos, e no dia 20 de janeiro Policarpo Hibernon Machado viajou ao Rio de Janeiro para tentar resolver o impasse de uma vez por todas, diretamente com o Ministro Salgado Filho. Prevendo reclamações, o jornal anunciou a viagem de seu redator junto com uma lista de doações que possibilitaram que Machado viajasse de avião até o Distrito Federal, onde “pleiteará, em última instância, o

cumprimento integral da legislação social brasileira no Rio Grande do Sul” (*A Voz do Trabalhador*, 20/01/1934, p. 1).<sup>8</sup> Ao explicar a viagem, o jornal ainda se mostrava descontente apenas com Ernani de Oliveira:

Os motivos que o levaram a uma viagem apressada, por determinação da classe padeiral referendada por uma assembleia geral da Federação, é a situação do proletariado em face do completo abandono que lhes é dispensado pelo inspetor regional do Ministério do Trabalho, e, em especial, os operários panificadores desta capital, que nada mais desejam, como o operariado em geral, do que o fiel cumprimento das leis sociais, lamentavelmente sonegadas por aquela autoridade caracteristicamente reacionária e francamente patronal, como está sobejamente provado (*A Voz do Trabalhador*, 20/01/1934, p. 1).

Ao Rio de Janeiro, Hibernon Machado levou numerosas reclamações, dos mais diversos ofícios e cidades. Além disso, aproveitou a estadia para entrar em contato com diversos setores do movimento operário carioca: conheceu o Secretário-Geral da Federação do Trabalho do Distrito Federal, visitou a sede do Sindicato dos Bancários e conversou com toda a bancada trabalhista por intermédio do Deputado Classista gaúcho João Vitaca, que também hospedou Hibernon em sua casa (*A Voz do Trabalhador*, 17/02/1934, p. 2).

A viagem surtiu efeito imediato, e uma semana após a partida de Hibernon, o jornal comemorava: “Chegará, amanhã, a esta capital, o sr. dr. Waldyr Niemeyer, secretário do Ministério do Trabalho, que vem outorgado de plenos poderes para fazer com que seja respeitado o que ditam as leis.” O jornal celebrava, ainda, a atuação de Hibernon no episódio: “A sua vinda é fruto do trabalho do camarada Policarpo Hibernon Machado, secretário geral da entidade máxima dos trabalhadores rio-grandenses, o enviado especial.”(*A Voz do Trabalhador*, 27/01/1934, p. 1).

O discurso era otimista, mas no final do texto, a FORGS enfim subia o tom:

Estamos, portanto, sentindo que melhores dias virão para o proletariado rio-grandense, com uma nova fase de trabalho produtivo e harmônico. Solucionada a situação dos panificadores e solucionados os centenares de casos existentes em todo o Estado, de conformidade com a legislação social vigente, esta estará de pé para todos os efeitos. Caso contrário, repetimos, mais uma vez, ruirá por terra e o proletariado rio-grandense tomará, então, o rumo que se fizer necessário em prol das suas justas reivindicações (*A Voz do Trabalhador*, 27/01/1934, p. 1 ).

---

<sup>8</sup> Uma curiosidade sobre essa edição: é a primeira vez que o jornal faz apologia explícita à União Soviética...

Infelizmente podemos apenas conjecturar sobre essa viagem ao Rio de Janeiro. É possível que as experiências cariocas tenham influenciado o militante gaúcho. Na capital brasileira, Hibernon Machado entrou em contato com dois braços do Estado (o MTIC e os representantes classistas) e com diversos setores do movimento operário organizado. Talvez Hibernon tenha percebido que era o momento de radicalizar, talvez tenha sido convencido – até mesmo pelo Partido. O mais evidente é que Policarpo Hibernon Machado achava que a visita do MTIC seria a última chance de resolver os problemas do operariado gaúcho dentro da ordem estabelecida.

O fato é que a viagem alterou a situação, e ao passo em que a FORGS dava sinais de radicalização, aumentavam também as denúncias contra Policarpo Hibernon Machado. A edição de 17 de fevereiro de *A Voz do Trabalhador* acusava os patrões de denunciarem Hibernon e outros membros da diretoria da FORGS à polícia sob a alegação de comunistas. Além disso, o jornal afirmava que os patrões, desejosos de dividir o operariado, usavam as despesas da viagem ao Rio de Janeiro para tentar arranjar a imagem de Hibernon e da Federação (Cf. *A Voz do Trabalhador*, 17/02/1934, p. 1).

No dia 21 de fevereiro ocorreu “a maior assembleia que até a presente data se realizou no Rio Grande do Sul”, pois não viera ao estado apenas o secretário, mas o próprio Ministro do Trabalho:

Precisamente às 21 horas, estando completamente cheio o vasto salão da entidade máxima dos trabalhadores rio-grandenses, foi pelo camarada presidente designada uma comissão de 5 delegados de sindicatos presentes e acompanhados pelo camarada secretário geral para irem ao Grande Hotel, onde se hospedava o sr. Ministro do Trabalho e sua comitiva, no sentido de acompanhá-lo até a sede, o que foi feito tendo S. Ex.<sup>a</sup> entrado no recinto sob aplausos gerais (*A Voz do Trabalhador*, 24/02/1934, p. 1).

Durante a reunião, uma das tantas falas foi, obviamente, a de Policarpo Hibernon Machado, que lamentou a ausência de seu desafeto, Ernani de Oliveira, e atribuiu-lhe exclusivamente a culpa pela situação em que o proletariado gaúcho se encontrava. Quando chegou a vez do Ministro Salgado Filho falar, o anticlímax: o Ministro atribuía a culpa aos próprios trabalhadores, que não fiscalizavam devidamente o cumprimento da legislação!

A edição de 10 de março do jornal estampa toda a sua frustração com o Ministro:

Ao lermos as declarações feitas pelo Sr. Ministro do Trabalho nos jornais de sábado, dia 3 do corrente, deparamos com algo que não exprimia bem a verdade dos factos. Nas declarações se fazia crer que estaria solucionado o

caso padeiral e que tudo marchava às mil maravilhas. Ora, o Sr. Ministro aqui esteve e, ao que nos consta, não resolveu um só *caso*, seja ele padeiral ou outro qualquer e desafiamos que nos provem em contrário (*A Voz do Trabalhador*, 10/03/1934, p. 1).

Nessa edição surge, ainda, a primeira convocatória para o grande congresso operário que se realizaria no dia primeiro de maio, a fim de eleger uma nova direção para a FORGS e definir novas diretrizes para a entidade.

Quanto mais incisivo se tornava o discurso da Federação, maior era a reação. Os discursos dos industriais e até mesmo de alguns setores do movimento operário, como por exemplo dos círculos operários (Cf. BARRETO, 1996), eram corriqueiros, mas em março foi a vez da polícia entrar em cena. Hibernon Machado e Leopoldo Machado, ao tentarem regressar de uma excursão a Caxias do Sul, foram apreendidos pela polícia, sendo “violentamente detidos, na gare da Viação Férrea”. Ambos foram levados à sala de venda de passagens e revistados “dos pés à cabeça”. Ao final do relato, afirmam: “Tratava-se, é claro, de nos identificar ... como extremistas a serviço de Moscou” (*A Voz do Trabalhador*, 17/03/1934, p. 1).

Depois da revista e de ouvirem “palavrões próprios de pessoas mal educadas”, os dois Machado foram liberados. Na assembleia da União Sindicalista de Caxias, o Secretário-Geral da FORGS havia discursado por uma hora e meia sobre sindicalização e a necessidade da união do proletariado para exigir leis de amparo aos trabalhadores. Hibernon intensificava sua militância pelo interior do Rio Grande do Sul, e a polícia mostrava, cada vez mais, que não o perderia de vista.

E nem seus detratores dentro do próprio movimento operário. Junto com membros da comitiva do MTIC que veio a Porto Alegre, um grupo espalhou que Hibernon Machado havia desviado 20 contos de réis das doações que diversos sindicatos fizeram aos padeiros enquanto estiveram em greve. O boato chegou até o Rio de Janeiro, e João Vitaca enviou carta à FORGS pedindo esclarecimento, afirmando que ouvia boatos “até pelo rádio” (*Voz do Trabalhador*, 24/03/1934, p. 1).

É impossível averiguar a veracidade das denúncias. Mas qual seria o interesse de uma rádio da capital da República em divulgar uma denúncia de desvio de dinheiro de um líder sindical gaúcho? Era a segunda denúncia dessa natureza (a primeira seria para a viagem de avião ao Rio de Janeiro). Desmoralizar Hibernon era desmoralizar a FORGS e os rumos radicais que a entidade vinha tomando através de suas lideranças. Em sua resposta, a presidência da Federação desejou que os caluniadores viessem a público para que se pudesse

acusá-los criminalmente. Além disso, Leopoldo Machado defendeu a lisura do processo de arrecadação, afirmando que a entidade prestava contas em seu jornal em todas as edições e que poderia enviar a Vitaca as listas de entradas e saídas. Por fim, alertou para a campanha de difamação contra o Secretário-Geral por parte dos Círculos Operários Católicos (*Voz do Trabalhador*, 24/03/1934, p. 1).

Hibernon, ao que parece, não era religioso. A *Voz do Trabalhador* publicou muitos textos anticlericais e antirreligiosos, o que explica em parte a inimizade em relação aos COC. O momento de radicalização da FORGS é uma resposta aos sucessivos não cumprimentos de leis trabalhistas, mas parece que também houve uma tentativa de se distanciar cada vez mais da entidade religiosa.

No fim do mês de março, duas situações se apresentavam como irreversíveis: o rompimento da FORGS com o MTIC e a defesa da entidade e de seus filiados a Policarpo Hibernon Machado. No texto de abertura da edição do dia 31 de março, a descrença na lei e no Estado eram notórias: “a experiência vem nos oferecendo provas, quotidianamente, da sua ineficiência e que as leis sociais não são, nada mais e nada menos, sinão para ludíbrio do proletariado brasileiro, com o fim único de atraí-lo para as hostes da política profissional, para o regime clérigo fascista.” (A *Voz do Trabalhador*, 31/03/1934, p. 1).

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, o Deputado Classista João Vitaca defendia Hibernon tanto no Parlamento quanto na imprensa. Além disso, o jornal trazia em suas páginas cartas de alguns sindicatos filiados à FORGS que enviavam ofícios e moções de apoio ao Secretário-Geral da entidade.

No dia primeiro de maio, enfim começava o tão alardeado congresso operário. Apesar de representar um novo momento para a FORGS, acompanhar alguns passos de Policarpo Hibernon Machado nos mostra que a trajetória de radicalização da entidade não foi linear e que esse congresso não marca uma ruptura absoluta com a atuação da entidade até então, que era algo que vinha se gestando de muito tempo.

### **Radicalização, liga eleitoral proletária e repressão**

Do dia 30 de abril ao dia 3 de maio ocorreu, enfim, o congresso operário convocado pela FORGS, que teve 45 entidades representadas.<sup>9</sup> Depois de votada a lei orgânica foi eleita a mesa dirigente. Policarpo Hibernon Machado foi eleito presidente da mesa com 32 votos (o

---

<sup>9</sup> Para uma análise minuciosa do congresso, ver BARRETO, 1996.

segundo mais votado teve apenas 2). Apesar do discurso inaugural de Hibernon exaltar a URSS, não podemos considerar esse congresso como atrelado aos comunistas, pois também se fizeram presentes sindicatos e militantes anarquistas e trabalhistas ainda defendendo a colaboração com o MTIC – os Círculos Operários, porém, ao contrário do congresso de fevereiro de 1933, não participaram. O Art. 2º da Lei Orgânica do Congresso dá uma pista de certa heterogeneidade do evento: o artigo proibia organizações filiadas à FORGS de “tomar parte em qualquer manifestação de caráter político-burguês.”, enquanto que a Federação dos Núcleos Antipolíticos defendia a proibição em “qualquer manifestação de caráter político”.<sup>10</sup>

Puxado pelos padeiros, o rompimento oficial da Federação com o MTIC foi aprovado, e os filiados à entidade foram proibidos de dirigirem-se ao órgão:

Nenhuma organização Operaria poderá até o próximo congresso se dirigir à inspetoria do trabalho e nem mesmo ao ministério do trabalho, para reclamar direitos dos seus associados. Motivos – as leis sociais vigentes não satisfazem aos trabalhadores e as autoridades encarregadas de executá-las não merecem a confiança do proletariado por serem as mesmas visceralmente patronais. Tese do Sindicato dos Operários em Panificação e Classes Anexas de Porto Alegre, aprovada por unanimidade (*A Voz do Trabalhador*, 12/05/1934, p. 1).

O congresso também elegeu uma nova diretoria, que passou a ter Policarpo Hibernon Machado como presidente.

A partir daí o jornal tomou um rumo sem volta até o seu final: o da propaganda comunista e das denúncias aos desmandos do MTIC – sobretudo a prisão de militantes. O periódico passou a vincular cada vez mais matérias e notícias referentes a outras cidades do Brasil. As viagens de Hibernon e de seus colegas da diretoria da FORGS aumentavam: eram caravanas de propaganda pelo interior do estado não só incentivando a sindicalização, como a sindicalização livre – ou seja, sem o reconhecimento do MTIC. A campanha contra o referido órgão era enorme e embasada por greves, demissões e prisões de trabalhadores em Santos e no Rio de Janeiro, por exemplo. No final do mês de junho, Hibernon assumia, ainda, o secretariado do Sindicato dos Oficiais Barbeiros e Cabeleireiros – a presidência ficava a cargo de seu amigo, Germiniano Candiota Xavier (*A Voz do Trabalhador*, 30/06/1934, p. 2).

Na edição de 14 de julho, *A Voz do Trabalhador* trazia a seguinte machete: “sindicatos filiados ao MTIC escolheram uma delegação para participar da Conferência do Bureau Internacional do Trabalho, em Genebra”. Enquanto isso, as demais organizações sindicais

---

<sup>10</sup> Annaes do Congresso Operário de 1934, p. 76. NPH/UFRGS.

cogitavam enviar uma delegação à União Soviética. “Por isso mesmo vemos partirem duas delegações; uma que vai à procura de prolongar o regime capitalista; outra que vai aprender como se constrói o socialismo.” (*A Voz do Trabalhador*, 14/07/1934, p. 1). Em um artigo simples e direto, a entidade evidenciava, pelo menos, duas situações: 1) a propaganda pró-URSS e a defesa do socialismo estavam escancaradamente na ordem do dia; e 2) isso não era, porém, unânime, e ainda existiam sindicatos vinculados e colaborando com o MTIC.

Mas isso não passou impune, o que nos leva de volta às primeiras linhas deste texto. A edição de 21 de julho do periódico chefiado por Hibernon Machado fala brevemente das referidas prisões, das quais dispomos de poucas informações: sabe-se que além de terem ocorrido em Porto Alegre duraram cerca de uma hora. Além disso, a edição noticiava a fundação da Liga Eleitoral Proletária (LEP), legenda criada no interior da Federação Operária para, diante da ilegalidade do PCB, concorrer às eleições de 1934 (*A Voz do Trabalhador*, 21/07/1934, p. 2). Na sua assembleia de fundação no dia 16 de julho, que segundo o jornal contou com mais de 400 operários, Policarpo Hibernon Machado foi eleito Secretário-Geral da entidade recém-fundada – a essa altura, Policarpo era Presidente da FORGS, 1º Secretário do Sindicato dos Oficiais Barbeiros e Cabeleireiros, Redator Responsável de *A Voz do Trabalhador* e Secretário-Geral da LEP – além de barbeiro! Atingi-lo era, em grande medida, atingir todas essas organizações (e estudá-lo, *idem*).

Com isso as viagens para o interior ficaram ainda mais frequentes, dessa vez para angariar votos – e candidatos – para a LEP e para criar comitês locais. A primeira caravana foi para os outros dois grandes polos operários (em que pese o ascenso de Novo Hamburgo): Pelotas e Rio Grande. Logo na primeira viagem de Hibernon e seus colegas, são expostas as rivalidades dentro do movimento operário gaúcho: em Pelotas, os membros da LEP reclamavam da “obra nefasta de sabotagem, praticada por algumas direções de sindicatos e especialmente pelos dirigentes da <Frente Sindicalista>” (*A Voz do Trabalhador*, 04/08/1934, p. 1).<sup>11</sup>

Pelotas, por sinal, estava fervilhando. No mês de agosto irrompeu uma greve dos estivadores que acabou com a prisão de 30 operários e com o sindicato fechado pela polícia. Hibernon escreveu telegrama ao Interventor Federal protestando “veementemente contra a reação fascista desencadeada neste Estado” (*A Voz do Trabalhador*, 11/08/1934, p. 3).

---

<sup>11</sup> A Frente Sindicalista Pelotense também tinha suas pretensões eleitorais e era capitaneada por um velho conhecido de Hibernon: o ex-deputado classista João Vitaca, que pretendia concorrer a Deputado Federal. A essa altura, a FORGS já havia rompido com todos os deputados classistas. Para um maior aprofundamento no imbróglia, Cf. LONER, 2005.

Enquanto isso, o barbeiro recebia cartas do interior que lhe comunicavam as fundações de comitês da LEP em Passo Fundo, Dom Pedrito e Cruz Alta.

No fim de agosto, a segunda prisão: na caravana da LEP para a cidade de Cachoeira, a diretoria da Liga e o presidente do sindicato de padeiros de Cachoeira foram presos pela polícia local (*A Voz do Trabalhador*, 08/08/1934, p. 4). Os demais trabalhadores ficaram de guarda em frente à delegacia e conseguiram a soltura de seus companheiros. No mês seguinte, foi a vez de conhecer as instalações carcerárias de Santa Maria, também em atividade da LEP:

Muito embora figure nas páginas amarelas da espalhafatosa carta constitucional, preceitos de liberdade de pensamento e de propaganda de ideias, a Liga Eleitoral Proletária, reconhecida e registrada pelo Tribunal Eleitoral, viu-se na contingência forçada de suspender a sua propaganda na cidade de Santa Maria, em virtude da prisão arbitrária e covarde dos camaradas que compunham a caravana que, depois de realizar comícios nas cidades de Cachoeira, Sant'anna do Livramento, D. Pedrito, Passo Fundo e Cruz Alta, foi, pelo conhecido e famigerado delegado policial ADALARDO SOARES DE FREITAS, detida no calabouço da delegacia respectiva e escoltada para esta capital por meia dúzia de soldados da milícia estadual – como si os seus componentes fossem perigosos ladrões ou bárbaros assassinos (*A Voz do Trabalhador*, 15/09/1934, p. 1).

Isso não intimidou a entidade e nem os dirigentes presos. No final do mês, quando foram definidos os candidatos da LEP, todos os presos – inclusive Hibernon – se apresentavam como candidatos a Deputado Estadual (*Voz do Trabalhador*, 29/09/1934, p. 1).

Apesar de todo o esforço, a LEP não conseguiu eleger nenhum de seus candidatos no pleito de 14 de outubro de 1934 (Cf. *A Federação*, 19/11/1934, p. 2).<sup>12</sup> Nem por isso o desempenho eleitoral foi interpretado como derrota por Hibernon e seus colegas, que comemoraram a “viva demonstração de solidariedade de classe, apoiando os candidatos operários da Liga Eleitoral Proletária, derrotando estrondosamente o traidor Vitaca e os funestos 'camisa alfa!'” (*A Voz do Trabalhador*, 10/11/1934, p. 4).

A experiência não poderia ser desprezada. Um militante do PCB como Policarpo sabia das dificuldades de sequer conseguir concorrer em um pleito eleitoral com um discurso radical e de defesa explícita da classe operária. Apesar das prisões e das intrigas, o operariado concorreu em uma legenda exclusivamente sua e conseguiu chegar até o final da disputa, e isso não podia ser desprezado.

Passado o pleito, era hora de definir as próximas ações. Em congresso realizado no dia 13 de novembro, a grande discussão foi a participação da FORGS no Congresso Sindical

---

<sup>12</sup> Policarpo Hibernon Machado foi o candidato mais votado da legenda.

Nacional – um dos três delegados eleitos pelo Rio Grande do Sul foi Policarpo Hibernon Machado. O barbeiro, por sua vez, escrevia cada vez mais telegramas reclamando da violenta – e crescente – repressão policial. No fim de novembro, escrevia para o Deputado Álvaro Ventura e para o Ministro da Justiça no Rio de Janeiro para protestar contra as prisões de Milan Knafelz, Alberto Fernandes e Adolfo Gosper, “presos por motivo de luta de classes.” (*A Voz do Trabalhador*, 17/11/1934, p. 2). Duas semanas depois, no dia 22 de novembro, era novamente a sua vez: Policarpo Hibernon Machado era preso pela quarta vez em menos de cinco meses. Agora, a soltura não foi tão simples quanto das outras vezes, e Hibernon foi “mantido preso incomunicável durante cinco dias” (*A Voz do Trabalhador*, 01/12/1934, p. 1).<sup>13</sup> A forma como foi preso foi bastante simbólica: não foi em assembleia da FORGS ou em algum encontro sindical, mas sim no próprio local de trabalho, uma barbearia na Rua Marechal Floriano, no Centro de Porto Alegre. Além disso, a polícia apreendeu mais de 1.800 exemplares de *A Voz do Trabalhador*. Os demais membros da FORGS se mobilizaram e confeccionaram boletins de convite para uma assembleia em frente à delegacia, mas a polícia também confiscou tais boletins. Hibernon foi posto em liberdade depois de um pedido de *habeas corpus* do advogado Alberto Pasqualini (*A Voz do Trabalhador*, 01/12/1934, p. 1).

Era o prenúncio do que viria na virada de 1934 para 1935. O Brasil inteiro estava em polvorosa: eram greves de diversos setores no Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Pernambuco, além do interior do Rio Grande do Sul, o que constituía um ciclo vicioso: quanto mais a polícia reprimia, mais os trabalhadores faziam greve; quanto mais os trabalhadores faziam greve, mais a polícia reprimia (Cf. FORTES, 2004; KONRAD, 2012). Em janeiro de 1935, Porto Alegre também entrava na rota das greves: no dia 12 de janeiro o Sindicato dos Operários em Fábrica de Tecidos paralisava suas atividades. No dia 16 os metalúrgicos se declaram em greve em solidariedade aos têxteis, e no dia 17 a polícia fechava o sindicato têxtil e a FORGS, prendendo treze pessoas que se encontravam na sede da Federação, dentre elas o seu presidente. Hibernon foi posto em liberdade dois dias depois após prometer que “não mais se envolveria em movimentos extremistas” (*Diário de Notícias*, 22/01/1935, contracapa).

Depois disso as notícias e as referências a Policarpo Hibernon Machado se tornam cada vez mais raras. Em novembro de 1937 foi preso e levado para uma ilha com outros 24 comunistas (Cf. *O Jornal*, 11/11/1937, p. 4). O refluxo e a decadência de Hibernon são

---

<sup>13</sup> Um detalhe importante é que encontravam-se presos em Porto Alegre desde setembro os quadros do PCB Deicola dos Santos e Heitor Ferreira Lima. Os comunistas estavam viajando e se organizando por todo o Brasil, e a polícia estava no seu rastro.

também o refluxo e a decadência do PCB no Rio Grande do Sul no pós-1935, e ambos deixaram poucas evidências no período.

Hibernon seguiu no PCB, mas, ao que tudo indica, sem exercer funções muito proeminentes. Visado pelas autoridades e cansado das prisões e das torturas (Cf. MARÇAL; MARTINS, 2008, p. 75), entre 1939 e 1940 ele e sua esposa (Aida Saraiva Machado) tiveram uma filha, Olga,<sup>14</sup> e isso também pode ajudar a compreender o gradual afastamento de Hibernon das principais atividades do Partido.

Em 1945, durante a legalidade do PCB, voltou às páginas dos jornais como pertencendo à comitiva que hospedaria Luiz Carlos Prestes em Porto Alegre (MARTINS, 2012, p. 192). Durante os preparativos para a visita do *Cavaleiro da Esperança*, Hibernon foi visto fazendo propaganda e discursando em comícios feitos às portas das fábricas dos bairros operários.<sup>15</sup>

Provavelmente a sua última ação pelo Partido ocorreu em sua casa, na Avenida Independência, em Porto Alegre, onde organizou um jantar para arrecadar fundos para a União Estadual de Trabalhadores. O jantar contou com a presença de 47 pessoas (quase todas elas filiadas ao PCB). Como forma de arrecadar fundos, foi organizado um leilão. O primeiro item da noite foi arrebatado por Hibernon pela quantia de seiscentos e oitenta cruzeiros: era o livro “No mundo da paz”, do também comunista Jorge Amado. Um dos presentes ainda brincou que a arrecadação foi muito baixa, pois no jantar só compareceram comunistas.<sup>16</sup> Vinte dias depois, naquele mesmo local, Policarpo Hibernon Machado morreu de insuficiência respiratória decorrente de uma pneumonia, aos 55 anos.<sup>17</sup>

## Considerações finais

A pertinência dos estudos biográficos não se dá pela suposta representatividade ou não do biografado – se por meio de sua vida é possível apreender um grupo social ou um processo, por exemplo. De certa forma, nesse sentido, Policarpo Hibernon Machado não é um personagem representativo por si só. Barbeiro, jornalista, comunista, grande orador, perseguido pela polícia... Hibernon foi perpassado por um sem fim de relações e de

---

<sup>14</sup> Cf. BRASIL. *Certidão de Óbito: Policarpo Hibernon Machado*. Registro Civil das Pessoas Naturais da 4ª Zona de Porto Alegre.

<sup>15</sup> Relatório sobre a chegada e estadia de Luiz Carlos Prestes em Porto Alegre. NPH. Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19. Caixa [B] 611, disco 4. Porto Alegre, 18 de outubro de 1945.

<sup>16</sup> Serviço de Informações, Boletim nº1. NPH. Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19. Caixa [E] 611, disco 7, fls 7 – 8. Porto Alegre, 11 de janeiro de 1952.

<sup>17</sup> BRASIL. *Certidão de Óbito...*

experiências provenientes de todas essas situações. O que se tentou fazer aqui foi justamente usá-las para não “embotar a especificidade dos destinos pessoais” e não “arruinar a variedade da experiência passada”, temores de Loriga (2011, p. 223). Em outras palavras, a vida de Hibernon não é necessariamente representativa e nem precisa ser: ela nos apresenta a constante tensão entre sujeito e estrutura e as muitas dimensões de uma militância comunista, evidenciando não apenas o que é geral e que é particular, mas sim as suas conexões através de um ator social.

Dessa forma, processos já conhecidos e estudados podem ganhar outras perspectivas quando se reduz a escala à luz de uma vida, evidenciando percalços e incoerências de movimentos que outrora pareciam coerentes e lineares (como o mencionado período de refundação da FORGS). Assim, as diferentes formas de atuação encontradas por Hibernon Machado ao longo de sua vida – palestras, fundação de sindicatos, textos em jornais, disputa eleitoral – nos mostram que havia muitos caminhos possíveis, mas que eles estavam ligados a um contexto. Não um contexto “compacto e coerente”, mas um contexto que “corresponde bem mais a um tecido conjuntivo atravessado de campos elétricos de intensidade variável” (LORIGA, 2011, p. 222). A vida desse militante nos ajuda a medir um pouco melhor as variações dessa intensidade.

## Fontes

Annaes do Congresso Operário de 1934 (NPH/UFRGS)

Certidão de Óbito de Policarpo Hibernon Machado

Decreto 19.770, de 19 de março de 1931. Disponível em “[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/Antigos/D19770.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D19770.htm)” Acesso em: 21 fev. 2015.

Fundo DOPS (NPH/UFRGS)

Jornal *A Federação* (Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional)

Jornal *A Noite* (Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional)

Jornal *A Voz do Trabalhador* (NPH/UFRGS)

Jornal Diário da Noite (Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional)

Jornal *Diário de Notícias* (Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa)

## Referências bibliográficas

- AMARAL, Roberto Mansilla. Astrojildo Pereira e Octávio Brandão: os precursores do comunismo nacional. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *As esquerdas no Brasil v. 1: A formação das tradições (1889 – 1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BARRETO, Álvaro Augusto de Borba. *O movimento operário rio-grandense e a intervenção estatal: a FORGS e os Círculos Operários (1932-1935)*. 1996. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 1996,
- BARROS, Orlando de. Os intelectuais de esquerda e o ministério Lindolfo Collor. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *As esquerdas no Brasil v. 1: A formação das tradições (1889 – 1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BARTZ, Frederico Duarte. Abílio de Nequete (1888 – 1960): os múltiplos caminhos de uma militância operária. *História Social (UNICAMP)*, Campinas v. 14/15, p. 157-173, 2008.
- DUARTE, Regina Horta. *A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. Campinas: Pontes/Ed. da UNICAMP, 1991.
- FORTES, Alexandre, *Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense na Era Vargas*. Caxias do Sul, Educus; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- KAREPOVS, Dainis. *A classe operária vai ao parlamento: o Bloco Operário e Camponês do Brasil (1924 – 1930)*. São Paulo: Alameda, 2006.
- KONRAD, Diorge. Alceno. Greve Geral, Luta de Classes e Repressão no Rio Grande do Sul de 1935. *Revista Latino-Americana de História*, São Leopoldo, v. 1, p. 311-324, 2012.
- LEVI Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.
- \_\_\_\_\_. Un problema de escala. *Relaciones. Estudios de historia y sociedad*. México vol. XXIV, núm. 95, p. 279 – 288, verano, 2003.
- LONER, Beatriz. Ana. As frentes sindicais do interior e a FORGS na década de 1930. *Métis (UCS)*, Caxias do Sul, v. 4, n.7, p. 145-168, 2005.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MARÇAL, João Batista; MARTINS, Marisângela. *Dicionário Ilustrado da Esquerda Gaúcha*. Porto Alegre: Palmarinca, 2008.
- OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Anarquismo, Sindicatos e Revolução no Brasil (1906 – 1936)*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: UFF, 2009.
- PETERSEN, Sílvia. Regina. Ferraz.; LUCAS, Maria Elizabeth. *Antologia do movimento operário gaúcho: (1870-1937)*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS: Tchê, 1992.
- REVEL, Jaques. REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação*. V. 15, n. 45 set/dez. 2010.

ARTIGO ENVIADO EM: 31/08/2015.  
ACEITO PARA PUBLICAÇÃO EM: 08/09/2015.